

Artigos de Revisão

Análise da inclusão das lutas na escola e dos fatores limitantes para sua inserção nas aulas de educação física: uma revisão sistemática¹

Prevalence and barriers to the teaching of fights in physical education classes in Brazilian schools: a systematic review

Análisis de la inclusión de las luchas en la escuela y los factores limitantes para su inserción en las clases de educación física: una revisión sistemática



Leonardo Vidal Andreato

Universidade do Estado do Amazonas, Barcelos, Amazonas, Brasil.

e-mail: vidal.leo@hotmail.com



Luzireni Fernandes Braga

Universidade do Estado do Amazonas, Barcelos, Amazonas, Brasil.

e-mail: lfb.edf19@uea.edu.br



Leandro Paiva

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil.

e-mail: professorleandropaiva@gmail.com



Victor Silveira Coswig

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

e-mail: vcoswig@gmail.com



Alex Barreto de Lima

Universidade do Estado do Amazonas, Jutai, Amazonas, Brasil.

e-mail: abdlima@uea.edu.br

Resumo: Esta pesquisa investigou a prevalência de inclusão do conteúdo de lutas nas aulas de Educação Física em escolas brasileiras e

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

as barreiras apontadas como justificativa para a não inclusão desse tema. Para tanto, uma revisão sistemática foi conduzida nas bases SciELO e LILACS. Ao todo, 16 artigos atenderam os critérios de elegibilidade, sendo verificado, na maioria dos estudos, valores significativos de não inclusão de lutas nas aulas de Educação Física na escola. As principais justificativas apontadas foram por não ser capacitado sobre o tema, pela falta de estrutura física da escola, e pela ausência de um colaborador especialista em lutas. Assim, esses achados denotam fragilidades no processo de formação e na compreensão do tema por parte dos docentes que atuam nas escolas.

Palavras-chave: Artes marciais. Esportes de combate. Pedagogia do esporte.

Abstract: This research investigated the prevalence of teaching fights in Physical Education classes in Brazilian schools and the barriers reported as justification for not including this topic. For this, a systematic review in SciELO and LILACS databases was conducted. As results, 16 papers met the eligibility criteria. In most studies, significant values of non-inclusion rates of fights in Physical Education classes at school were verified. The main justifications given were the lack of qualification on the topic of fights, the lack of physical structure at the school, and the absence of a collaborator specialized in fights. Thus, these findings highlight weaknesses in the graduation process and in the understanding of the topic by the teachers in schools.

Keywords: Combat sports. Martial arts. Sport pedagogy.

Resumen: Fueron investigados la inclusión de contenidos lucha en las clases de Educación Física en las escuelas brasileñas y las barreras destacadas para no incluir ese tema. Para eso, una revisión sistemática en las bases SciELO y LILACS fue realizada. En total, artículos 16 cumplieron los criterios de elegibilidad, y se constató, en la mayoría de los artículos, valores significativos de no inclusión de las luchas en las clases de Educación Física. Las principales justificaciones dadas fueron la falta de capacitación sobre el tema, la falta de estructura física en la escuela, y la

ausencia de un colaborador especializado en luchas. Así, estos resultados denotan debilidades en el proceso de formación y en la comprensión del tema por parte de los docentes que trabajan en las escuelas.

Palabras-clave: Artes marciales. Deportes de combate. Pedagogía deportiva.

Submetido em: 30/05/2024

Aceito em: 20/06/2024

1. Introdução

No âmbito educacional, no Brasil, desde o início do Século 20, a Educação Física, em referência à implementação curricular no campo educacional/acadêmico (inicialmente, com forte viés militar), já apresentava as lutas em seu escopo formativo (Pimenta, 2016). Nessa direção, perpassaram ao longo de décadas, majoritariamente, sendo refletidas nos currículos das Instituições de Ensino Superior – IES como disciplinas isoladas (ex.: esgrima; capoeira; judô). Foi, sobretudo, no final do Século 20 e alvorecer do Século 21, que as lutas passaram a constituir campo de conhecimento disciplinar próprio, de espectro mais amplo. Isto é, não mais pensadas e circunscritas, estritamente, às modalidades isoladas (Mocarzel, 2021). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as lutas já eram indicadas como tema a ser explorado dentro das aulas de Educação Física na escola (Brasil, 2000). No entanto, na atual versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as lutas são apresentadas como conteúdo curricular a ser desenvolvido, possuindo uma unidade temática específica dentro da Educação Física no Ensino Fundamental (Brasil, 2018). Vale salientar que, mesmo sob críticas contundentes à forma e/ou ao conteúdo sobre as lutas (Paiva; Vargas; Justamand, 2021), a BNCC permanece como documento norteador formal para os professores que atuam nas escolas.

Todavia, algumas pesquisas nacionais apontam para baixa inserção das lutas nas escolas (Pereira *et al.*, 2021; Ferreira, 2006), embora esse conteúdo esteja no escopo do currículo escolar (Brasil, 2018; Brasil, 2000) e diversas pesquisas tenham constatado os benefícios da prática em aspectos físicos, psicológicos e comportamentais (Fabio; Towey, 2018; Harwood; Lavidor; Rassoovsky, 2017; Schwartz *et al.*, 2015). Além disso, existe extensa gama de possibilidades de aplicação do conteúdo que atendem diversas, e divergentes, abordagens pedagógicas, já que o ato de lutar pode ser incluído com base em aspectos i) técnico-táticos específicos de modalidades; ii) sociais, históricos e filosóficos de acordo com a origem e evolução das artes marciais; iii) psicomotricistas e de-

envolvimentistas, com base em elementos motores específicos; iv) esportivista, por meio do estudo de modalidades olímpicas e não-olímpicas; v) de saúde e performance, por meio do estudo dos efeitos da prática em indicadores psicobiológicos, entre outros (Franchini; Del Vecchio, 2012; Rufino; Darido, 2015a).

Entretanto, apenas 32% de professores de Educação Física de Fortaleza-CE reportaram incluir as lutas em suas aulas (Ferreira, 2006). Em Pelotas-RS, a prevalência foi ainda maior, com 91% de professores indicando não inserirem as lutas nas aulas de Educação Física (Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013). Embora esses dados sejam alarmantes quanto ao manejo das lutas nas escolas, até o momento, não há uma sumarização dos dados relacionados à prevalência e motivos para a não inclusão das lutas na escola. Nessa direção, tal levantamento é item fundamental para sumarizar os dados disponíveis que são oriundos de momentos e localidades diversas, o que pode dar suporte mais específico para o planejamento de estratégias que objetivam superar as barreiras para inclusão do ensino das lutas na escola.

Diante disso, esta revisão sistemática tem como objetivo identificar a prevalência de inclusão do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física em escolas brasileiras e as barreiras apontadas pelos professores como justificativa para a não inclusão dessa temática nas aulas.

2. Método

2.1 Diretrizes e registro

Esta revisão sistemática seguiu as diretrizes da MOOSE (*Meta-analysis of Observational Studies in Epidemiology*) (Stroup *et al.*, 2000). O protocolo do estudo foi registrado (registro: <https://osf.io/hqkga>) na plataforma OSF (*Open Science Framework*).

2.2 Estratégia de busca

Uma busca eletrônica sistemática foi conduzida nas bases de dados SciELO e LILACS, para língua portuguesa, sem limite temporal até 19 de janeiro de 2024. As estratégias de busca usada em cada base são apresentadas como Documento Suplementar. Ademais, procedeu-se uma busca manual no Google Scholar, buscas nas listas de referências dos estudos incluídos nesta revisão, e os autores dos estudos incluídos foram contactados via e-mail para indicar outras publicações elegíveis.

2.3 Critério de elegibilidade

Como critérios de elegibilidade, considerou apenas estudos originais, com textos disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que investigaram a prevalência de inserção das lutas nas aulas de Educação Física e/ou que avaliaram as barreiras indicadas como justificativa para a não inclusão nas aulas de Educação Física em escolas brasileiras. Foram considerados apenas os resultados reportados diretamente por professores de Educação Física que atuam nas escolas. Como critérios de exclusão, estudos com dados duplicados não foram considerados.

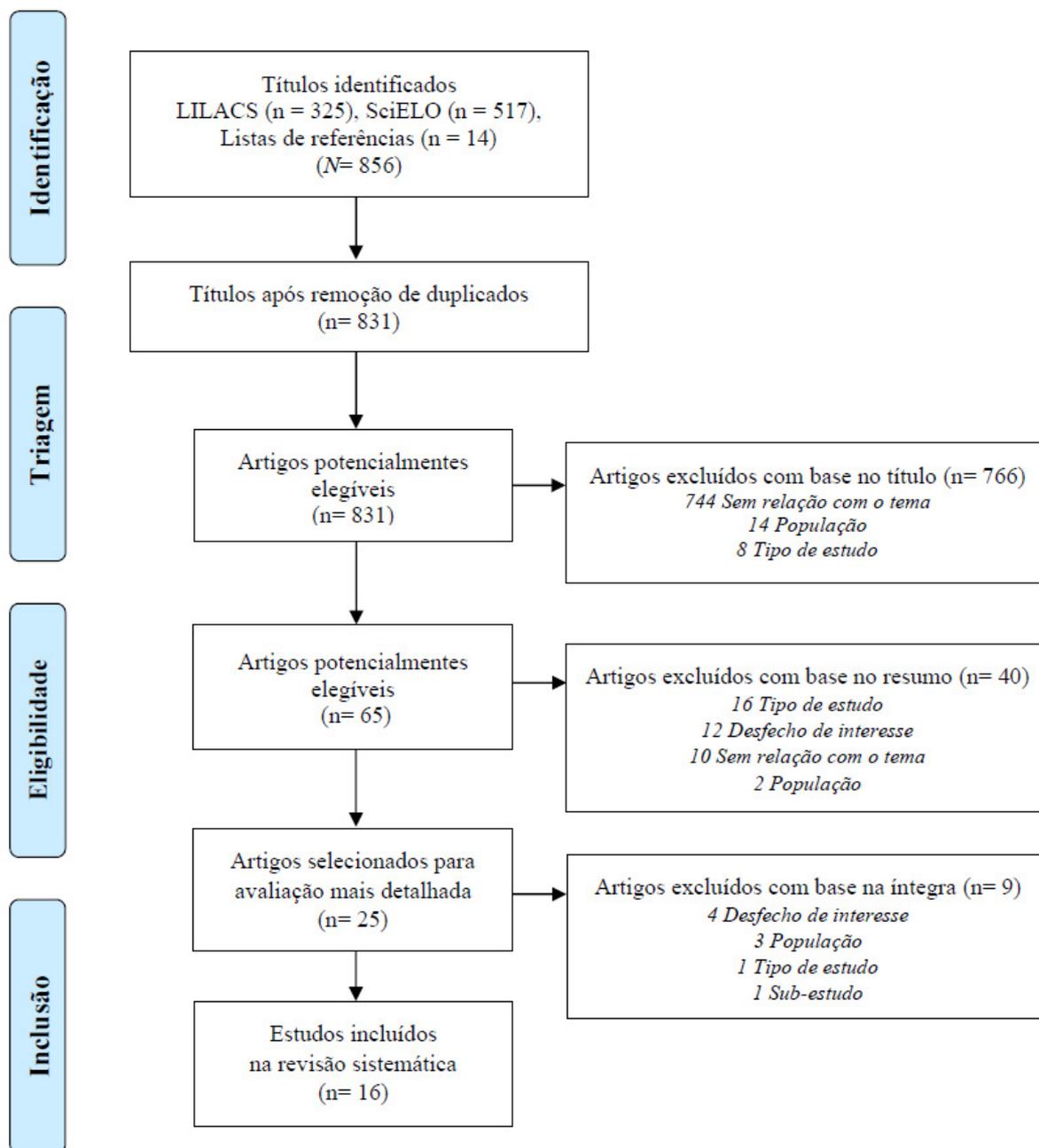
2.4 Seleção dos estudos e extração dos dados

Os procedimentos de seleção e extração de dados foram conduzidos de forma independente por duplas envolvendo três pesquisadores, e as discordâncias foram resolvidas por consenso. Para a extração de dados foi utilizada uma planilha com um formulário padronizado para obter dados sobre os participantes (ex.: número de docentes, sexo, nível de escolaridade, tempo de atuação docente, graduação em lutas, tempo de prática de lutas) e sobre as lutas nas aulas de educação física escolar (prevalência de inserção, métodos de ensino utilizados, e barreiras para a inserção). Para esclarecer dúvidas sobre os métodos ou resultados, os autores correspondentes foram contatados, quando necessário.

3. Resultados

A Figura 1 apresenta o fluxograma com as diferentes fases do processo de busca e seleção de estudos.

Figura 1 - Fluxograma das fases de busca e seleção dos estudos.



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

3.1 Estudos incluídos

Ao todo, 16 atenderam os critérios de elegibilidade. Apenas um deles não foi publicado em português, com uso de idioma inglês (Pereira *et al.*, 2021). Ademais, apenas um estudo reportou agradecimento a uma agência de fomento, a CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) (Pereira *et al.*, 2021).

Considerando a área da Educação Física no Quadriênio 2017-2020 da CAPES (, cinco estudos foram publicados em periódicos com extrato B1 (Almeida *et al.*, 2022; Pereira *et al.*, 2021; Lima, 2021; Rego; Freitas; Maia, 2011; Sá, 2014), seis em B2 (Becker; Harnisch; Borges, 2021; Ferreira *et al.*, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Matos *et al.*, 2015; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013), dois em B3 (Santos; Brandão, 2018; Ferreira, 2006), um em C (Cisne *et al.*, 2022) e dois estudos em periódicos sem classificação (Oliveira *et al.*, 2017; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013).

3.2 Docentes e escolas

Os estudos incluídos investigaram 423 docentes (homens: 104; mulheres: 99; não reportado: 220). Quanto à formação dos docentes, as publicações que tratavam a amostra como professores de Educação Física foram considerados profissionais formados, somando assim 14 pesquisas (Almeida *et al.*, 2022; Cisne *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Ferreira *et al.*, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Santos; Brandão, 2018; Oliveira *et al.*, 2017; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006). Além disso, em dois estudos sendo reportado que de 20% (Lima, 2021) a 65,4% (Matos *et al.*, 2015) dos docentes que ministravam aulas de Educação Física nas escolas não possuíam graduação completa em Educação Física.

Ademais, nove estudos não reportaram a realização ou não de pós-graduações (Cisne *et al.*, 2022; Ferreira *et al.*, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Oliveira *et al.*, 2017; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego;

Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006), ao passo que sete estudos fizeram essa descrição (Almeida *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Lima, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Santos; Brandão, 2018; Matos *et al.*, 2015; Mazini-Filho *et al.*, 2014). Foram evidenciados valores de 15,4% (Matos *et al.*, 2015) a 91,7% de docentes com especialização *lato sensu* (Santos; Brandão, 2018), e apenas um estudo indicando 2,6% dos docentes (n= 1) com pós-graduação *stricto sensu* (sem indicação do nível) (Almeida *et al.*, 2022).

Quanto à experiência de docência na escola, oito pesquisas não apresentaram essa informação (Cisne *et al.*, 2022; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Oliveira *et al.*, 2017; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006), ao passo que oito estudos fizeram esse reporte (Almeida *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Ferreira *et al.*, 2021; Lima, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Santos; Brandão, 2018; Matos *et al.*, 2015; Mazini-Filho *et al.*, 2014), com significativa prevalência de experiência menor que 5 anos em metade desses estudos (Ferreira *et al.*, 2021; Lima, 2021; Brandão, 2018; Matos *et al.*, 2015).

Em relação à experiência com alguma modalidade de luta, dos 16 publicações incluídos, 13 não reportaram esse tipo de informação (Cisne *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Ferreira *et al.*, 2021; Lima, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Santos; Brandão, 2018; Matos *et al.*, 2015; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006). Não obstante, outros três estudos fizeram essa descrição, com prevalências de 17,4% (Oliveira *et al.*, 2017), 31,2% (Pereira *et al.*, 2021) e 52,6% (Almeida *et al.*, 2022) de docentes que já praticaram ou praticavam alguma modalidade de luta.

Em relação ao tipo de gestão escolar, oito pesquisas incluíram somente escolas públicas (Almeida *et al.*, 2022; Cisne *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Santos; Brandão, 2018; Matos *et al.*, 2015; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013) e oito inseriram escolas públicas e

privadas (Ferreira *et al.*, 2021; Lima, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Oliveira *et al.*, 2017; Sá, 2014; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006).

Quanto à localização geográfica, cinco estudos incluíram docentes e escolas da região Nordeste (Cisne *et al.*, 2022; Lima, 2021; Matos *et al.*, 2015; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006), quatro da região Sul (Becker; Harnisch; Borges, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013), quatro da região Sudeste (Ferreira *et al.*, 2021; Oliveira *et al.*, 2017; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014), dois do Centro-Oeste (Almeida *et al.*, 2022; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019) e um estudo da região Norte (Santos; Brandão, 2018).

A Tabela 1 apresenta as características dos docentes e informações sobre as escolas incluídas nos estudos que integram esta revisão.

Tabela 1 – Caraterística, formação, experiência na docência e experiência nas lutas dos docentes que atuam com aulas curriculares de Educação Física.

Referência	n	Sexo (♂/♀)	Graduação	Especialização	Experiência docente	Experiência em lutas ^a	Escolas	Etapa (série/ano)	Gestão	Localidade
Almeida <i>et al.</i> (2022)	38	♂: 26 ♀: 12	• 100% Ed. Física.	• 81,6% <i>lato sensu</i> . • 2,6% <i>stricto sensu</i> .	• 0-5 anos: 23,7%. • 6-10 anos: 26,3%. • 11-15 anos: 18,4%. • 16-20 anos: 15,8%. • 21-25 anos: 2,6%. • 26-30 anos: 10,5%. • 31-35 anos: 2,6%.	• 52,6%.	33	Ens. Médio.	Pública	Distrito Federal

Análise da inclusão das lutas na escola e dos fatores limitantes...

Leonardo Vidal Andreato . Luzireni Fernandes Braga . Leandro Paiva . Victor Silveira Coswig . Alex Barreto de Lima

Cisne <i>et al.</i> (2022)	6	NR	• 100% Ed. Física.	NR	NR	NR	NR	Ens. Fundamental.	Pública	Fortaleza-CE
Becker; Harnisch; Borges (2021)	8	NR	• 100% Ed. Física.	• 62,5% especialização.	• 19 anos.*	NR	NR	Ens. Fundamental (6 ao 9º ano).	Pública	Oeste do Paraná
Ferreira <i>et al.</i> (2021)	7	: 5 : 2	• 100% Ed. Física.	NR	• 1-3 anos: 57,1%. • 15 anos: 14,3%. • 26-30 anos: 28,6%.	NR	5	Educação Básica.	Pública e privada	Muriae-MG
Lima (2021)	5	: 4 : 1	• 80,0% Ed. Física. • 20,0% outra área.	• 60,0% especialização.	• 2-4 anos: 80,0%. • 17 anos: 20,0%.	NR	6	Ens. Fundamental, Ens. Médio.	Pública e privada	Campos Sales-CE
Pereira <i>et al.</i> (2021)	77	: 29 : 48	• 100% Ed. Física.	• 62,3% especialização. • 7,8% mestrado.	• 1-4 anos: 20,8%. • 5-9 anos: 23,4%. • 10-19 anos: 41,6%. • 20-27 anos: 10,4%. • 28-38 anos: 3,9%.	• 31,2%.	NR	Educação Básica.	Pública	Florianópolis-SC
Lopez; Golin; Ribeiro (2019)	12	NR	• 100% Ed. Física.	NR	NR	NR	8	Ens. Médio.	Pública e privada	Corumbá-MS
Santos; Brandão (2018)	20	: 4# : 8#	• 100% Ed. Física.	• 91,7% especialização.#	3-5 anos: 33,3%.# 10 anos: 16,7%.# 16-19 anos: 33,3%.# 21-27 anos: 16,7%.#	NR	1: 50,0%.# 2: 16,7%.# 3: 16,7%.# +3: 16,7%.#	Ens. Fundamental (anos finais).	Pública	Belém-PA
Oliveira <i>et al.</i> (2017)	23	NR	• 100% Ed. Física.	NR	NR	• 17,4%.	23	Ens. Fundamental, Ens. Médio.	Pública e privada	Rio de Janeiro-RJ

Análise da inclusão das lutas na escola e dos fatores limitantes...

Leonardo Vidal Andreato . Luzireni Fernandes Braga . Leandro Paiva . Victor Silveira Coswig . Alex Barreto de Lima

Matos <i>et al.</i> (2015)	26	: 15 : 11	• 42,6% outra área. • 34,6% Ed. Física. • 11,5% cursan- do Ed. Física. • 7,7% E. Médio.	• 15,4% especiali- zação.	• < 2 anos: 46,2%. • 2-5 anos: 26,9%. • >5 anos: 26,9%.	NR	11	NR	Pública	Vale do Jiquiriçá-BA
Mazini-Filho <i>et al.</i> (2014)	18	: 9 : 9	• 100% Ed. Física.	• 50,0% especiali- zação.	• >2 anos: 100%.	NR	NR	Ens. Fundamental.	Pública	Cataguases-MG
Sá (2014)	32	: 16 : 16	• 100% Ed. Física.	NR	NR	NR	NR	NR	Pública e privada	Niterói-RJ, Maricá-RJ, Rio de Janeiro-RJ, São Gonçalo-RJ
Camargo; Marcondes; Gu- ralecka (2013)	14	NR	• 100% Ed. Física.	NR	NR	NR	NR	Ens. Fundamental (5ª à 8ª série).	Pública	Guarapuava-PR
Fonseca; Franchini; Del Vecchio (2013)	69	: NR : NR	• 100% Ed. Física.	NR	NR	NR	NR	Ed. Infantil, Ens. Fundamental, Ens. Médio.	Pública e privada	Pelotas-RS
Rego; Freitas; Maia (2011)	18	: NR : NR	• 100% Ed. Física.	NR	NR	NR	11	Ens. Fundamental, Ens. Médio.	Pública e privada	Pau dos Ferros-RN
Ferreira (2006)	50	: NR : NR	• 100% Ed. Física.	NR	NR	NR	NR	Ed. Infantil, Ens. Fundamental, Ens. Médio.	Pública e privada	Fortaleza-CE

NR: não reportado. °: praticaram ou praticavam alguma modalidade. *= média do grupo. # Valores relativos a somente os docentes (n= 12) que inserem as lutas nas aulas.
Fonte: elaborado pelos autores (2014).

A Tabela 2 apresenta os principais resultados referentes à inclusão das lutas nas aulas, às estratégias utilizadas para a abordagem das lutas e os motivos para a não inserção do conteúdo lutas nas aulas curriculares de Educação Física.

Quando à prevalência de lutas nas aulas, foi verificada uma variação de 8,7% (Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013) a 100% (Cisne *et al.*, 2022), com sete estudos com uma inserção menor que 50% (Almeida *et al.*, 2022; Ferreira *et al.*, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Oliveira *et al.*, 2017; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006), oito estudos com inserção acima de 50% (Cisne *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Lima, 2021; Santos; Brandão, 2018; Matos *et al.*, 2015; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013), e um estudo com indicativo de inserção no planejamento anual pela maioria dos docentes (Lopez; Golin; Ribeiro, 2019).

Entre os docentes que incluíam as lutas nas aulas, as principais estratégias citadas foram: ajuda de um especialista (Almeida *et al.*, 2022; Cisne *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Santos; Brandão, 2018; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006); práticas/atividades recreativas/lúdicas (Cisne *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Ferreira *et al.*, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Santos; Brandão, 2018; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006); vídeos (Almeida *et al.*, 2022; Cisne *et al.*, 2022; Ferreira *et al.*, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Matos *et al.*, 2015; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006); e aula/visita de campo (Almeida *et al.*, 2022; Ferreira *et al.*, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Ferreira, 2006).

Quanto aos professores que não inseriam as lutas em suas aulas, as principais justificativas apontadas foram: não ter instrução/ser capacitado sobre o tema lutas (Almeida *et al.*, 2022; Becker;

Harnisch; Borges, 2021; Lima, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Oliveira *et al.*, 2017; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006); falta de estrutura física da escola (Almeida *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Lima, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Oliveira *et al.*, 2017; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006); ausência de um colaborador especialista em lutas (Almeida *et al.*, 2022; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Ferreira, 2006); e preocupação do conteúdo encorajar a violência (Becker; Harnisch; Borges, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Matos *et al.*, 2015).

Tabela 2 – Prevalência, estratégias e motivos para a não inserção do conteúdo lutas nas aulas curriculares de Educação Física.

Referência	Docentes que inseriam as lutas nas aulas	Estratégias utilizadas para ensino das lutas ^a	Motivos para a não inserção das lutas ^b
Almeida <i>et al.</i> (2022)	• 47,4%.	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptações de materiais/espacos/regras (72,2%). • Jogos de oposição (55,6%). • Recursos tecnológicos (ex.: vídeos, jogos) (55,6%). • Atividades para a compreensão e transferência de habilidades (33,3%). • Ajuda de um especialista (27,8%). • Visita a academias/escolas de lutas (11,1%). 	<ul style="list-style-type: none"> • Não se sentir capacitado (80,0%). • Falta de estrutura física (25,0%). • Ausência de colaborador especialista (15,0%). • Acentuar o risco de lesões (10,0%). • Já existir um professor especialista na escola (5,0%).
Cisne <i>et al.</i> (2022)	• 100%.	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas recreativas/lúdicas (100,0%). • Vídeos (66,7%). • Ajuda de especialista (33,7%). 	• NA.

Análise da inclusão das lutas na escola e dos fatores limitantes...

Leonardo Vidal Andreato . Luzireni Fernandes Braga . Leandro Paiva . Victor Silveira Coswig . Alex Barreto de Lima

Becker; Harnisch; Borges (2021)	• 62,5%.	<ul style="list-style-type: none">• Aulas teóricas (40,0%), podendo ser ministradas por outros profissionais das lutas.• Aulas práticas com temas específicos (30,0%).• Forma lúdica (40,0%).	<ul style="list-style-type: none">• Não ter instrução sobre o tema (33,3%).• Preocupação com violência (33,3%).• Desenvolve a parte motora e o respeito em outros temas (33,3%).• Sem justificativa (33,3%).• Relatos de deficiências na formação.[#]• Relatos de falta de estrutura.[#]
Ferreira et al. (2021)	• 28,6%.	<ul style="list-style-type: none">• Práticas recreativas/lúdicas.[#]• Vídeos ou imagens.[#]• Aulas de campo.[#]	<ul style="list-style-type: none">• NR.
Lima (2021)	• 60,0%.	<ul style="list-style-type: none">• NR.	<ul style="list-style-type: none">• Não ter instrução sobre o tema (50,0%).• Falta de estrutura física (50,0%).• Falta de interesse aluno e sistema (50,0%).
Pereira et al. (2021)	• 23,4%.	<ul style="list-style-type: none">• Jogos de oposição (33,3%).• Ensino de diferentes modalidades (33,3%).• Ensino de uma modalidade (11,1%).• Ensino isolado de técnicas de lutas (11,1%).• Reprodução de gestos e golpes (11,1%).	<ul style="list-style-type: none">• Não ter instrução sobre o tema (52,0%).^c• Não terem praticado lutas (18,0%).^c• Formação universitária ineficaz (12,0%).^c• Sem justificativa (8,0%).^c• Falta de estrutura física.[#]• Encorajamento à violência.[#]• Não teve a oportunidade para desenvolver.[#]
Lopez; Golin; Ribeiro (2019)	• 83,0% inseriam no planejamento anual.	<ul style="list-style-type: none">• Vídeos (60,0%).• Práticas recreativas/lúdicas (40,0%).• Ajuda de especialista (40,0%).• Aula de campo (10,0%).• Pesquisa e aula expositiva.[#]	<ul style="list-style-type: none">• Não ter instrução sobre o tema (50,0%).• Não justificou (50,0%).

Análise da inclusão das lutas na escola e dos fatores limitantes...

Leonardo Vidal Andreato . Luzireni Fernandes Braga . Leandro Paiva . Victor Silveira Coswig . Alex Barreto de Lima

Santos; Brandão (2018)	• 60,0.	<ul style="list-style-type: none"> • Modalidade(s) específica(s): 41,7%. • Ajuda de especialista (33,3%) • Práticas recreativas/lúdicas (33,3%). 	<ul style="list-style-type: none"> • NR.
Oliveira <i>et al.</i> (2017)	• 30,4%.	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas teóricas – apenas (28,6%). • Aulas práticas (28,6%). • Aulas teóricas e práticas (28,6%). • Outras (14,3%). 	<ul style="list-style-type: none"> • Não ter instrução sobre o tema (37,5%). • Não quis justificar (37,5%). • Falta de estrutura física (12,5%) • Conteúdo irrelevante (6,3%). • Direção impede (6,3%).
Matos <i>et al.</i> (2015)	• 50,0%.	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas.# • Vídeos. • Pesquisas e seminários.# 	<ul style="list-style-type: none"> • Encorajamento à violência (15,4%).
Mazini-Filho <i>et al.</i> (2014)	• 55,6%.	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas recreativas/lúdicas (90,0%). • Ajuda de especialista (10,0%). 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de estrutura física (50,0%). • Não ter instrução sobre o tema (25,0%). • Ausência de colaborador especialista (25,0%).
Sá (2014)	• 68,8%,	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas recreativas (90,9%). • Aula de campo (68,2%). • Vídeos (50,0%). • Ajuda de especialista (50,0%). • Outras (18,2%). 	<ul style="list-style-type: none"> • Não ter instrução sobre o tema (70,0%). • Falta de estrutura física (40,0%). • Outras (10,0%).
Camargo; Marcondes; Guralecka (2013)	• 71,4%.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação prática e aulas dirigidas.# • Atividades lúdicas.# • Ajuda de especialista.# • Entrevistas com praticantes.# • Vídeos, pesquisas, leituras.# • Visita de campo.# 	<ul style="list-style-type: none"> • NR.
Fonseca; Franchini; Del Vecchio (2013)	• 8,7%.	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades lúdicas (71,4%). • Ajuda de especialista (14,3%) 	<ul style="list-style-type: none"> • Não ter instrução sobre o tema (46,3%). • Falta de estrutura física (20%). • Ausência de colaborador especialista (11,3%).

Análise da inclusão das lutas na escola e dos fatores limitantes...

Leonardo Vidal Andreato . Luzireni Fernandes Braga . Leandro Paiva . Victor Silveira Coswig . Alex Barreto de Lima

Rego; Freitas; Maia (2011)	• 38,9%.	<ul style="list-style-type: none">• Práticas recreativas/lúdicas (57,1%).• Ajuda de especialista (14,3%).• Vídeos (14,3%).• Outras (14,3%).	<ul style="list-style-type: none">• Não ter instrução sobre o tema (27,3%).• Falta de estrutura física (9,1%).• Outras (63,6%).
Ferreira (2006)	• 32,0%.	<ul style="list-style-type: none">• Vídeos (50,0%).• Ajuda de especialista (31,3%).• Práticas recreativas/lúdicas (12,5%).• Aula de campo (6,3%).	<ul style="list-style-type: none">• Não ter instrução sobre o tema (41,2%).• Falta de estrutura física (23,5%).• Ausência de colaborador especialista (17,6%).• Considerar conteúdo inadequado (17,6%).

NR: não reportado. NA: não se aplica. # prevalência não especificada. ^a resultados referentes ao total de docentes que insere as lutas nas aulas. ^b resultados referentes ao total de docentes que não insere as lutas nas aulas. ^c resultados referentes aos docentes que reportaram não ter competência pedagógica (=50), que representa um total de participantes distinto dos docentes que reportaram não inserir as lutas nas aulas (n=59).

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

4. Discussão

Os principais resultados desta revisão sistemática indicam que há alta variação dos índices de inserção de lutas nas aulas de Educação Física na escola, com valores expressivos de não inclusão na maioria dos estudos. Ademais, as principais estratégias citadas para inclusão das lutas nas aulas, bem como as principais justificativas apontadas para a não abordagem dessa temática, denotam falta de capacitação no tema por parte dos docentes que atuam nas escolas.

Quanto à prevalência de inserção do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física na escola, exceto pelo estudo de Cisne *et al.* (2022), em que todos os docentes inseriam as lutas nas aulas, mesmo nos estudos onde a maioria dos docentes faziam essa inclusão (Becker; Harnisch; Borges, 2021; Lima, 2021; Santos; Brandão, 2018; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013) podem ser observadas prevalências relevantes de docentes que não abordam o conteúdo de lutas em suas aulas. Esses dados são alarmantes,

uma vez que todos os estudos incluídos nesta revisão foram conduzidos em período temporal no qual as lutas constavam entre os conteúdos a serem abordados na Educação Física, seja dentro dos PCNs (Brasil, 2000) ou da BNCC (Brasil, 2018). Nesse aspecto curricular, embora possa ser argumentado que nos PCNs não existia uma proposição detalhada de divisão do conteúdo lutas dentro do currículo, como ocorre na BNCC, é preciso considerar que no período anterior à BNCC, a literatura acadêmica já apresentava algumas propostas de sistematização das lutas na escola (Santos; Brandão, 2019; Alencar *et al.*, 2015; Gomes *et al.*, 2013), embora existissem questionamentos sobre a necessidade de vinculação dessas propostas com as abordagens pedagógicas da Educação Física (Santos; Brandão, 2019).

Esses resultados indicam que alunos brasileiros têm sido privados de um aprendizado amplo e completo dentro da Educação Física escolar. Tal cenário chama mais atenção quando é observado que os próprios docentes consideram importante o conteúdo lutas, e reportam que existe uma boa aceitação por parte dos alunos quando as lutas são abordadas nas aulas (Becker; Harnisch; Borges, 2021). Ademais, a parcela de professores que considera o conteúdo lutas irrelevante ou inadequado apresentou prevalência entre 6,3% (Oliveira *et al.*, 2017) e 17,6% (Ferreira, 2016), valores esses que, mesmo se questionando como relevantes, ainda ficam abaixo e distantes da parcela total de docentes que não abordam as lutas em suas aulas.

Além dos problemas detectados na prevalência de inclusão das lutas nas aulas de Educação Física na escola, alguns estudos incluídos nesta revisão apontam que parte expressiva dos docentes possuem conhecimentos equivocados sobre o tema luta (Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Ferreira, 2006). Diante disso, abre-se espaço para os dados sumarizados na presente revisão indicarem uma dependência de professores convidados para ministrarem aulas envolvendo as lutas (Almeida *et al.*, 2022; Cisne *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Santos; Brandão, 2018; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014;

Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006). Ademais, não é possível ter certeza se algumas das estratégias adotadas, como por meio de práticas recreativas/lúdicas (Cisne *et al.*, 2022; Becker; Harnisch; Borges, 2021; Ferreira *et al.*, 2021; Lopez; Golin; Ribeiro, 2019; Santos; Brandão, 2018; Mazini-Filho *et al.*, 2014; Sá, 2014; Camargo; Marcondes; Guralecka, 2013; Fonseca; Franchini; Del Vecchio, 2013; Rego; Freitas; Maia, 2011; Ferreira, 2006) conseguem desenvolver um objetivo pedagógico de ampliação de conhecimentos dos alunos sobre o tema, ou se cumprem apenas um objetivo de alunos vivenciarem uma prática que seja divertida.

Entre os docentes que não incluem as lutas nas aulas, as principais justificativas apontadas foram por não ter instrução/ser capacitado sobre o tema lutas, pela falta de estrutura física da escola, pela ausência de um colaborador especialista em lutas e por preocupação do conteúdo encorajar a violência. Nesse sentido, sobre a falta de conhecimento sobre o tema, há de se considerar que parte dos docentes se formam sem nunca terem concluído uma disciplina relacionada às lutas (Rufino; Darido, 2015b), tiveram contato com disciplinas que abordavam modalidades de combate de forma isolada (ex.: disciplina de judô ou disciplina de capoeira) (Becker; Harnisch; Borges, 2021; Pereira *et al.*, 2021; Del Vecchio; Franchini, 2006) e/ou não direcionavam o ensino para os aspectos pedagógicos relacionados ao ensino das lutas (Alencar *et al.*, 2015). Ademais, ainda há o fato de muitas das vezes o conteúdo da disciplina lutas nas universidades serem ministradas por docentes sem experiência no tema ou que tiveram contato com as lutas somente na condição de praticante (Del Vecchio; Franchini, 2006). Nesse sentido, uma das pesquisas apontou dados que corroboram que o fato de apenas ter experiência em uma modalidade de combate não é o suficiente para ministrar aulas de lutas na escola, uma vez que dentre os docentes com experiência em alguma modalidade de combate, a maioria (58,3%) não incluía as lutas em suas aulas na escola (Pereira *et al.*, 2021).

Contudo, esses fatores acima apontados não isentam os docentes da responsabilidade do cargo, o qual estabelece quais conteúdos devem ser desenvolvidos dentro do currículo escolar. Caso o docente não tenha afinidade com algum dos temas presente no currículo, ele deve buscar meios para se especializar. Por outro lado, também há de considerar a dificuldade que muitos professores enfrentam para participar/adquirir formação continuada. Sobre isso, esta revisão evidenciou que uma parcela ínfima dos docentes de uma única pesquisa reportou especialização em nível *stricto sensu*, o que denota dificuldade de acesso a realizar esses cursos, podendo estar associado ainda a uma falta de perspectiva de progressão de carreira (Almeida *et al.*, 2022). Ademais, os problemas inerentes à formação docente podem ser ainda mais complexos e estruturais, sendo que ao menos em duas pesquisas reportaram a presença de profissionais não graduados em Educação Física, mas que eram responsáveis por ministrar essa disciplina na escola (Lima, 2021; Matos *et al.*, 2015), e em uma das pesquisas foi indicado que parte significativa dos professores de Educação Física, 23,7%, possuíam apenas vínculo temporário com as escolas (Almeida *et al.*, 2022).

Quanto à falta de estrutura física da escola, embora a falta de espaço e materiais possa limitar o número de possibilidades a serem experimentadas em aula, isso não justifica a não abordagem das lutas. Diferentes estratégias não demandam de materiais, como o caso dos jogos de oposição, estratégia inclusive citada por parte dos docentes que integram essa pesquisa (Morales *et al.*, 2020; Santos, 2012), que podem ser explorados sem uso de recursos especiais. Além disso, é possível explorar práticas envolvendo materiais alternativos e recicláveis dentro da dinâmica do ensino das lutas (Lima Junior; Chaves Junior, 2011).

Quanto à não inclusão do ensino das lutas por receio dessas práticas encorajarem um comportamento violento entre os alunos, tais relatos evidenciam tanto algumas das falhas na formação universitária desses docentes, quanto um distanciamento da literatura acadêmica que apresenta evidências que vão na contramão

dessa associação entre lutas e aspectos comportamentais (Bueno *et al.*, 2023; Harwood; Lavidor; Rassovsky, 2017).

Esse desconhecimento quanto às lutas pode não estar limitado somente aos docentes, vale destacar o relato de alguns professores que afirmaram que havia um impedimento por parte da coordenação das escolas, impedindo-os de abordar este conteúdo (Oliveira *et al.*, 2017), ou, embora não os impedissem, criavam dificuldades (Lima, 2021). Tais relatos parecem não serem exceções, pois, em estudo prévio que incluiu apenas dirigentes de escolas do ensino fundamental, foi observado que, embora a maioria dos gestores escolares se mostrassem favoráveis a inserção das lutas no ambiente escolar, 38,7% reportavam algum receio quanto à essa inclusão (Rodrigues *et al.*, 2017).

Diante desse cenário, algumas ações devem ser estimuladas. Os cursos de licenciatura em Educação Física devem garantir que suas grades curriculares capacitem seus discentes a ministrarem o conteúdo lutas nas escolas, o que deve ser feito com a garantia de disciplinas obrigatórias com carga horária suficiente, a inclusão de docentes/pesquisadores por concurso específico para área de lutas, a superação da formação baseada em modalidades esportivas de combate (ex.: apenas capoeira ou judô) e a oferta de projetos de pesquisa e extensão que envolvam lutas, artes marciais ou esportes de combate. Ademais, as secretarias de educação locais precisam pensar em estratégias de capacitação e formação continuada dos professores que irão atuar nas escolas.

5. Conclusões

Esta revisão sistemática identificou alta prevalência de não inserção das lutas nas aulas de Educação Física nas escolas, sendo que as estratégias utilizadas para abordagem deste conteúdo, bem como as barreiras indicadas para a sua não inserção, denotam fragilidades no processo de formação e na compreensão do tema por parte dos docentes que atuam nas escolas.

Referências

ALMEIDA, M. O.; RUFINO, L. G. B.; LAZZAROTTI FILHO, A.; BACKES, A. F.; RODRIGUES, H. A. A prática pedagógica com as lutas na educação física: um retrato da formação e da realidade de ensino de professores do ensino médio do Distrito Federal. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 44, e20220076, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rbce.44>. Acesso em: 29 jul. 2024.

ALENCAR, Y. O.; SILVA, L. H.; LAVOURA, T. N.; DRIGO, A. J. As lutas no ambiente escolar: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, DF, v. 23, n. 3, p. 53-63, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.18511/rbcm.v23i3.5092>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BECKER, A. C.; HARNISCH, G. S.; BORGES, G. A. O conteúdo “lutas” nas aulas de educação física em escolas do Oeste do Paraná. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, e68245, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v24.68245>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc> Acesso em: 29 jul. 2024.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BUENO, J. C. B.; ANDREATO, L. V.; SILVA, R. B.; ANDRADE, A. Effects of a school-based Brazilian jiu-jitsu programme on mental health and classroom behaviour of children from Abu Dhabi: a randomised trial. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, [s.l.], v. 21, n. 6, p. 1091-1106, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/1612197X.2022.2109184>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CAMARGO, J. L.; MARCONDES, F.; GURALECKA, J. D. Metodologia do ensino do conteúdo de lutas de 5ª a 8ª série em escolas estaduais de Guarapuava- PR. **VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**, Guairacá, v. 5, n. 2, p. 64-80, 2013. Disponível em: <https://www.revistavoos.com.br/index.php/sistema/article/view/253/252>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CISNE, M. D. N.; FERNANDES, M. P. R.; BORGES, L. N.; BARROSO, M. L.; NOGUEIRA, P. H. S.; ALMEIDA, M. I. M.; SOUZA, M. N. A.; SIMÕES, L. L. F.; FERREIRA, H. S. Formação e prática pedagógica na Educação Física escolar: a percepção dos professores sobre a temática lutas. **Research, Society and Development**, [s./l.], v. 11, n. 1, e43511125212, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i1.25212>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1-9, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n1p01>. Acesso em: 29 jul. 2024.

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. **Lutas, artes marciais e esportes de combate**: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da Educação Física, 2006. In: Neto, S. S., Hunger, D. (orgs). Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 99-108.

FABIO, R. A.; TOWEY, G. E. Cognitive and personality factors in the regular practice of martial arts. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, [s./l.], v. 58, n. 6, p. 933-943, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23736/S0022-4707.17.07245-0>. Acesso em: 29 jul. 2024.

FERREIRA, H. S. As lutas na Educação Física escolar. Brasil. **Revista de Educação Física**, [s./l.], v. 75, n. 135, p. 36-44, 2006. Disponível

em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/428>. Acesso em: 29 jul. 2024.

FERREIRA, N. R.; COSTA, J. L.; HUDSON, T. A.; MEIRELES, J. F. F. Inserção das lutas na educação física escolar da cidade de Muriaé-Mg. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, e67744, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v24.67744>. Acesso em: 29 jul. 2024.

FONSECA, J. M. C.; FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de educação física escolar em Pelotas, Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, e320618, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v16i2.17221>. Acesso em: 29 jul. 2024.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. **Ensino de lutas**: reflexões e propostas de programas. São Paulo: Scortecci, 2012.

GOMES, N. C.; BARROS, A. M.; FREITAS, F. P. R.; DARIDO, S. C.; RUFINO, L. G. B. O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 25, n. 41, p. 305-320, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2013v25n41p305>. Acesso em: 29 jul. 2024.

HARWOOD, A.; LAVIDOR, M.; RASSOVSKY, Y. Reducing aggression with martial arts: A meta-analysis of child and youth studies. **Aggression and Violent Behavior**, [s.l.], v. 34, p. 96-101, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.03.00>. Acesso em: 29 jul. 2024.

LIMA, G. A. Ensino das lutas na escola: um estudo com professores de Educação física da cidade de Campos Sales - CE. **Temas em Educação Física Escolar**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 71-86, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33025/tefe.v6i1.3094>. Acesso em: 29 jul. 2024.

LIMA JUNIOR; H. C.; CHAVES JUNIOR, S. R. Possibilidades das lutas como conteúdo na educação física escolar: o confronto em uma abordagem pedagógica com alunos de 6ª série em um colégio estadual do município de Guarapuava-PR. **Cadernos de Formação RBCE**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 69-80, 2011. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1209/615>. Acesso em: 29 jul. 2024.

LOPEZ, P. C. G.; GOLIN, C. H.; RIBEIRO, E. A. G. O conteúdo lutas no ensino médio: discursos dos professores de educação física da fronteira Brasil-Bolívia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, e54938, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.54938>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MATOS, J. A. B.; HIRAMA, L. K.; GALATTI, L. R.; MONTAGNER, P. C. A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 117-135, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v13i2.8640658>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MAZINI FILHO, M. L.; SIMÕES, M. R.; VENTURINI, G. R.; SAVÓIA, R. P.; MATTOS, D. G.; AIDAR, F. J.; COSTA, S. P. O ensino de lutas nas aulas de educação física escolar. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 4, p. 176-181, 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/5264>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MOCARZEL, R. C. S. **Lutas, Artes Marciais, Esportes de Combate em Educação Física**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

MORALES, J.; FUKUDA, D. H.; CURTO, C.; ITEYA, M.; KUBOTA, H.; PIERANTOZZI, E.; LA MONICA, M. L. Progression of combat sport activities for youth athletes. **Strength and Conditioning Journal**, [s.l.], v. 42, n. 3, p. 78-89, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1519/SSC.0000000000000525>. Acesso em: 29 jul. 2024.

OLIVEIRA, W. L. C.; SANTOS, R. C.; VERLI, M. V. A.; GOMES, M. K. M.; BENASSI, R.; GONÇALVES, L. C. O.; MAGALHÃES NETO, A.

M. A inserção dos esportes de combate nas aulas de educação física escolar: uma visão atual. **Revista Panorâmica On-Line**, Pontal do Araguaia, v. 22, p. 93-106, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/690>. Acesso em: 29 jul. 2024.

PAIVA, L.; VARGAS, F. M. F.; JUSTAMAND, M. Luta corporal indígena: contribuições à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **SOMANLU**: Revista de Estudos Amazônicos, Manaus, v. 21, n. 2, p. 55-63, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/9359>. Acesso em: 29 jul. 2024.

PEREIRA, M. P. V. C.; MARINHO, A.; GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; FARIAS, G. O. Fights at school: teaching strategies of physical education teachers. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 32, e3226, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3226>. Acesso em: 29 jul. 2024.

PIMENTA, T. F. F. **O técnico de Artes Marciais no Brasil: entre o "sagrado" e os "segredos" para o estabelecimento de uma profissão**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2016.

REGO, J. P. L.; FREITAS, L. K. P.; MAIA, M. M. O. Lutas na Educação Física escolar: fato ou boato? **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 15, n. 153, 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd153/lutas-na-educacao-fisica-escolar-fato-ou-boato.htm>. Acesso em: 29 jul. 2024.

RODRIGUES, A. I. C.; BAIÃO JUNIOR, A. A.; ANTUNES, M. A.; ALMEIDA, J. J. G. Percepção dos dirigentes das escolas do município de Jaguariúna sobre as lutas. **Journal of Physical Education**, [s./l.], v. 28, e2809, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2809>. Acesso em: 29 jul. 2024.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas na escola:** possibilidades para a Educação Física. Porto Alegre: Editora Penso, 2015a.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 26, n. 4, p. 505-518, 2015b. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i4.26441>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SÁ, R. D. Lutas como conteúdo na educação física escolar. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, [s.l.], v. 19, n. 193, 2014. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd193/lutas-na-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SANTOS, S. L. C. **Jogos de oposição:** ensino das lutas na escola. São Paulo: Phorte, 2012.

SANTOS, M. A. R.; BRANDÃO, P. P. S. Lutas e a formação de professores de educação física: reflexos na atuação profissional de docentes da rede municipal de educação de Belém - PA. **Caderno de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 79-87, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/18840>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SANTOS, M. A. R.; BRANDÃO, P. P. S. Produção do conhecimento em lutas no currículo da educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25024, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.78143>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SCHWARTZ, J.; TAKITO, M. Y.; DEL VECCHIO, F. B.; ANTONIETTI, L. S.; FRANCHINI, E. Health-related physical fitness in martial arts and combat sports practitioners. **Sport Sciences for Health**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 171-180, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11332-015-0220-6>. Acesso em: 29 jul. 2024.

STROUP, D. F.; BERLIN, J. A.; MORTON, S. C.; OLKIN, I.; WILLIAMSON, G. D.; RENNIE, D.; MOHER, D.; BECKER, B. J.; SIPE, T. A.; THACKER, S. B. Meta-analysis of observational studies in epidemiology: A proposal for reporting. **Journal of the American Medical Association**, [s.l.], v. 283, n. 15, p. 2008-2012, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1001/jama.283.15>. Acesso em: 29 jul. 2024.

Documento suplementar

Quadro 1. Estratégia de busca de literatura usada na base de dados LILACS (via BVS).

((luta) OR (lutas) OR ("arte marcial") OR ("artes marciais") OR ("esporte de combate") OR ("esportes de combate") OR ("modalidade esportiva de combate") OR ("modalidades esportivas de combate") OR ("jogo de oposição") OR ("jogos de oposição")) AND ("educação física") OR (escola) OR (escolar) OR (professor) OR (professores)) AND (db:("LILACS") AND la:("pt"))

Quadro 2. Estratégia de busca de literatura usada na base de dados SciELO.

(ti:(((luta) OR (lutas) OR ("arte marcial") OR ("artes marciais") OR ("esporte de combate") OR ("esportes de combate") OR ("modalidade esportiva de combate") OR ("modalidades esportivas de combate") OR ("jogo de oposição") OR ("jogos de oposição")))) AND ("educação física") OR (escola) OR (escolar) OR (professor) OR (professores)))